

1

Carta ao leitor

Querido Mário:

Embora não nos conheçamos pessoalmente, sinto-me absolutamente à vontade para lhe chamar assim. Tinha 19 anos quando li Macunaíma e me encantei por você e sua escritura. Desde então, você está na minha intimidade, transitando livremente. Sem nenhuma “inglesa decência”, você se espalha nos meus textos, na minha casa, na minha vida. Por isso, não resisti, nesta carta ao leitor, em me remeter a você. Você, que diz “sofrer de gigantismo epistolar” e sempre respondeu a todas as cartas com muita paixão e regularidade, é para mim o leitor que deveria, primeiramente, ler este trabalho.

Sei que você não anda podendo responder nenhuma carta, dando sua opinião sincera e fazendo seus comentários críticos, como você tanto gosta de fazer. Mas, como também “creio que o homem tem que ir além do espetáculo que dá”, não me acomodei às circunstâncias, e dei meu jeito...

Noutro dia, li uma carta sua que dizia assim: “As almas são árvores. De vez em quando uma folha da minha vai avoando poisar nas raízes de você. Que sirva de adubo generoso. Com as folhas da sua garanto que cresço também”. Foi aí, que descobri que suas folhas, suas páginas, generosamente estão nas raízes deste trabalho. Logo você, que na primeira publicação de *Amar verbo intransitivo*, disse, para o seu amigo Manú: “meu destino não é ficar”. Você ficou. Tanto que, no ano de 2006, em cada canto do texto, topo um pouco com você. É bem verdade que você sempre escapa “pirandelicamente”, mas eu adoro procurar.

E, desse jeito, fui percebendo que nós nos correspondemos através do encontro dos nossos textos. Falamos por muitas horas. Às vezes, dialogamos com outros escritores, em outras tantas, ficamos sozinhos, conversando fiado, bem no seu estilo. É incrível, Mário, como a força da sua voz resiste na sua narrativa. O resultado

está aí. Do nosso diálogo nasceu este trabalho. Quem diria que aquela conversa, de quatro anos atrás, com o nosso correspondente em comum, o Júlio Diniz, ia dar em musicalidade oral ?

Falando em música, ao tomar conhecimento da sua vasta literatura, vi que ela é uma intensa obra musical, um concerto de letras. Mário, você escreve romances, poesias, ensaios, cartas como discursos musicais. A musicalidade é algo tão presente e decisivo na sua obra, que aparece desde seu primeiro poema.

Homem, literatura e música formam em você uma trindade, de tal maneira ligada, que é difícil imaginar uma dissociação de qualquer desses elementos. Recentemente, em aula inaugural realizada na PUC-Rio, Ana Maria Machado, vendo tantas aproximações entre literatura e música, considerou bastante propositado falar da criação literária a partir da criação musical. Depois da palestra, pensei cá comigo, se uns assobiam uma melodia, e outros orquestram uma sinfonia, em *Amar, verbo intransitivo*, Mário compôs um *fugato*, cuja polifonia modula várias vozes. Li seu romance-idílio como uma composição musical, que em um só tempo, reproduz os mesmos desenhos melódicos em várias vozes.

Quando batizei *Amar verbo intransitivo* de *fugato*, não me baseei nas diversas referências musicais que aparecem no seu texto. Há outro aspecto que para mim é muito mais importante: o contato que há entre os elementos musicais e a literatura como linguagem. As frases têm um ritmo que, voluntariamente ou involuntariamente, aproximam a prosa da poesia. Em uma oralidade fluente, frases com encontros de palavras, aliteraões, choques de sons, dão a sua obra um valor rítmico, e conseqüentemente um elemento musical, na medida em que o ritmo é uma das bases, um dos elementos essenciais da música. É esse ritmo que se articula com outro elemento musical, muito presente em *Amar, verbo intransitivo*, a tensão.

Em um país fortemente marcado pela cultura musical popular, Mário, você regeu a relação entre verso-voz, fala-palavra, cabendo a nós escutar. Por ser este um ponto-chave deste trabalho, ao invés da tradicional divisão acadêmica em introdução, partes e capítulos, apresento um sumário que, acompanhando a sua composição polifônica, se subdivide como uma *fuga*. É um texto acadêmico, escrito, mas que eu

proponho que o leitor faça o exercício de ouvir, sendo cada parte acompanhada como um *fugato*.

Agora, vou deixar você com o texto para que ele pulse e a música da palavra possa cantar.

Sua correspondente,
Luciana.

PS: Eu não queria tocar neste assunto, só que você sempre pediu que os seus amigos escrevessem cartas compridas, contando tudo. Pois é, também preciso “desnudar os meus tumultos”. Venho a cada dia tentando ouvir o seu conselho: “dar uma alma ao Brasil, e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime”. Tem sido... Você faz muita falta...